

EXPLORANDO A SUBVERSÃO DE NORMAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM OBRAS ANIMADAS INFANTIS: UMA ANÁLISE FÍLMICA

LARA ANTUNES GOMES DA SILVA¹; LAÍS VARGAS RAMM²; LAÍS VARGAS
RAMM³

¹Universidade Federal de Pelotas - laara.antunes@gmail.com

²Universidade Federal de Rio Grande - laisramm@gmail.com

³Universidade Federal de Rio Grande - laisramm@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se dá a partir de um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso na graduação em Psicologia realizado ao do semestre de 2024/1. A escrita se propõe a introduzir obras animadas infantis e seus desvios no que tange a representação da norma hegemônica e assim fazer as possíveis articulações teóricas com conceitos propostos pela Psicologia.

A pesquisa tem como objetivo investigar como animações infantis contemporâneas podem contribuir para rupturas na lógica cisheteronormativa, analisando elementos que divergem dos estereótipos de gênero e sexualidade presentes nas normas hegemônicas. Juntamente a isso, a pesquisa explora como esses filmes infantis podem provocar reflexões sobre representatividade e identificação, questionando estigmas e reforços da heterocisnormatividade, enquanto promovem novas possibilidades de pertencimento para crianças que não se enquadram nessas normas.

Além disso, busca-se estabelecer uma relação entre as obras selecionadas e conceitos da Psicologia Social, ampliando o entendimento sobre a representação de corpos e expressões queer nas mídias voltadas ao público infantil. Através dos estudos de Judith Butler, destaca-se que o gênero é uma construção cultural, mantida por forças sociais e de poder que impõem categorizações binárias. Entende-se, também, que o gênero não é algo individual, mas um processo performativo coletivo, desassociado do sexo biológico e moldado por influências externas (BUTLER, 2023).

Para trazermos à cena elementos que constituem tanto os personagens apresentados nos filmes, quanto as forças que movem os telespectadores do outro lado da tela, é interessante repassarmos os processos de subjetivação envolvidos. Reconhece-se que a produção de subjetividade resulta mediante agenciamentos coletivos, não se limitando ao indivíduo - ainda que não se exclua a qualidade de individuação corporal - e compreende proporção mundial a partir das instâncias do sistema capitalista. Fundamentalmente fabricada e consumida no campo do coletivo, a produção de subjetividade é entendida como um processo complexo diretamente ligado à ideia de produção econômica e controle social e não se dá de forma unilateral. Essa lógica nos indica o caráter cooperador desse fenômeno, que deflagra a presença simultânea de forças que constituem esse processo de subjetivação e opõe-se à concepção de algo externo que é imposto ao indivíduo (GUATTARI, ROLNIK, 1996).

Percebe-se, portanto, que as forças envolvidas no processo funcionam para além canais informativos e se constituem como máquinas produtoras de uma percepção de mundo. Se ancorando nesta fundamentação, podemos identificar o cinema como uma ferramenta produtora deste sistema.

Manifestando-se como um dispositivo que excede a reprodução de ideias, ideais e normas, o cinema deflagra mundos, cria magia (HOOKS, 2023). Dentro dessa multiplicidade de elementos que implicam o tornar-se do sujeito podemos encontrar a relação com imagens, símbolos e a interpretação desse contato.

Entendendo a potência do cinema em criar, moldar e perpetuar culturas, busco voltar o olhar e entender quais são os ideais que tomam protagonismo nas telas. A quem é reservado o protagonismo? Qual o viés por trás dessas escolhas? É importante ressaltar aqui que essa propriedade tendenciosa, que muitas vezes é mascarada para passar despercebida, sempre está presente e parte de esforços constantes da classe dominante de ter seus princípios vistos como a verdade. O “eu” que aparece como norma é a imagem do homem, branco, ocidental e hétero que enxerga outras raças, classes e sexualidades como inferiores (KELLNER, 2001).

Filmes que não reforçam o amor romântico como princípio hegemônico e que oferecem novas formas de aventura e protagonismo, como "Luca" e "Moana", são selecionados para essa análise. Assim, a pesquisa busca ilustrar como essas narrativas subversivas podem abrir novos caminhos para representação e identificação nas telas infantis.

2. METODOLOGIA

O percurso metodológico adotado nesta pesquisa baseia-se na cartografia fílmica, que busca construir saberes ao longo da trajetória, considerando que as metas de pesquisa podem se delinear durante o processo. Esse método permite uma investigação flexível, onde a atenção não está focada em um alvo específico, mas sim aberta a captar elementos inesperados que tragam novos caminhos de problematização, como descrito por Virgínia Kastrup. Assim, a atenção do cartógrafo é flutuante, pronta para ser despertada por algo que gere estranhamento e instigue novas questões.

Nesse contexto, a autora revisita cenas de filmes do passado, utilizando suas memórias para traçar novos significados. Esse processo de rememoração traz à tona novos elementos que, inicialmente, poderiam não ter sido considerados. A cartografia, como afirma Suelly Rolnik, permite que o pesquisador use diversas fontes, não se restringindo a materiais teóricos escritos. Assim, a análise dos filmes se desenrola não apenas a partir de uma revisão consciente, mas também de uma atenção aberta a fenômenos inesperados que possam surgir durante a pesquisa.

Para a análise fílmica, as obras selecionadas foram revisadas, com transcrição de acontecimentos importantes. Em seguida, uma leitura mais aprofundada foi realizada para identificar os elementos mais relevantes para a discussão e traçar as conexões teóricas. Esse processo de análise é caracterizado pela suspensão inicial da seleção, permitindo que todos os elementos estejam aptos à consideração. Somente após o contato e percepção do cartógrafo, é que se identificam sinais específicos que ajudam a compor o campo perceptivo da pesquisa, enriquecendo as associações e os resultados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na exploração das obras a fim de buscar elementos condizentes com a quebra da cisheteronormatividade, alguns apontamentos significativos podem ser feitos em relação ao filme Luca (2021) e ao filme Moana (2016). Em Luca (2021), a quebra com normas de gênero e sexualidade é abordada de maneira sutil, por

meio de metáforas que representam o desejo de liberdade, a exploração de novas identidades e o enfrentamento de regras impostas. A metáfora do "monstro" pode ser associada à ideia de transgressão das normas sociais e naturais, conforme discutido por Foucault. Luca e outros personagens do filme, como Alberto e Giulia, são apresentados como "indivíduos a serem corrigidos", que se desviam das expectativas sociais e familiares. Esse desvio pode ser visto como uma quebra de padrões de gênero e sexualidade, já que os personagens se sentem diferentes e incompreendidos em relação à comunidade em que vivem.

O relacionamento entre Luca e Alberto também pode ser lido como um simbolismo para a descoberta da amizade, confiança e, potencialmente, desejo entre dois jovens que se reconhecem como diferentes, mas que constroem um vínculo poderoso, apesar das limitações impostas pela sociedade ao seu redor. Esse relacionamento ressoa com a ideia de "linhas de fuga" de Deleuze, em que os personagens buscam saídas para os comportamentos impostos, explorando novas possibilidades de ser e viver.

No filme *Moana* (2016), também é possível identificar elementos que sugerem uma ruptura com normas de gênero e sexualidade, especialmente em relação ao papel tradicional atribuído às mulheres em sua comunidade e o processo de autodescoberta da protagonista. Moana desafia as expectativas impostas pela sociedade em que vive. Ela é a filha do chefe da tribo, e sua trajetória indica uma rejeição das normas que exigem que ela permaneça na ilha e siga as regras estabelecidas por seu pai e pelos líderes da comunidade. Em vez de aceitar o papel de líder exclusivamente ligado à terra e à comunidade, Moana sente uma forte atração pelo oceano, algo que simbolicamente quebra as normas de gênero associadas às responsabilidades tradicionais das mulheres em sua aldeia. As mulheres, nesse contexto, são vistas como as guardiãs do lar e da comunidade, enquanto Moana deseja explorar, liderar e ser uma figura de mudança, algo mais associado ao masculino.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se, a partir dos resultados obtidos através da pesquisa realizada juntamente com a articulação de conceitos embasados principalmente na Psicologia Social e na Teoria Queer, que diversos elementos presentes nas obras podem ser lidos através da ótica do fracasso da norma. Diversas temáticas exploradas nas animações representam fissuras na normatividade que majoritariamente dá espaço a narrativas limitantes no que tange gênero, sexualidade, classe e raça. Dessa forma, as obras selecionadas podem servir como ilustrações de novas possibilidades representacionais, permitindo que crianças fora da norma hegemônica possam se encontrar nas grandes telas e terem suas histórias contadas e cantadas de outras maneiras.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023. 24ª edição. (Coleção Sujeito e História; tradução de Renato Aguiar)

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **Os anormais.** Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8036782/mod_resource/content/1/foucault-m-os-anormais.pdf. Acesso em: 10 out. 2024.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolíticas: cartografias do desejo.** Petrópolis: Vozes, 1996.

HOOKS, B. **Cinema vivido: raça, classe e sexo nas telas.** São Paulo: Editora Elefante, 2023.

KASTRUP, Virgínia. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo.** Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 32.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Bauru, SP: EDUSC, 2001. 454 p.

LUCA. Direção de Enrico Casarosa. Produção da Pixar Animation Studios. 2021.

MOANA: Um Mar de Aventuras. Direção de Ron Clements e John Musker. Produção da Walt Disney Animation Studios. 2016.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.